

## **3 solos em 1 tempo**

Denise Stutz

Boa noite, meu nome é Denise, nasci em Belo Horizonte, meus avós eram russos, meu pai americano, minha mãe brasileira. Passei parte da minha vida nos Estados Unidos e quando vim para o Brasil não falava português, fui estudar em uma escola onde ninguém me entendia, então, desde muito pequena me pergunto: - Como posso me aproximar? Como posso me relacionar? ( pausa)

Eu e você, nós.

Você, você e eu neste espaço agora.

Você (apontando para mim), eu ( apontando o outro), você, eu, eu , você, eu...

eu (apontando para mim )e você ( para alguém da platéia), eu quero discutir a nossa relação.

E para falar sobre uma relação, no meu caso, a melhor maneira é através da dança. Então, eu quero começar este trabalho, este solo, dançando para vocês um pas de deux, um duo. Eu quero dançar para vocês um pas de deux romântico, um ballet, um classico. Eu quero dançar para vocês um pas de deux.... com você ( alguém da plateia).

Calma, relaxa, concentra se prepara porque eu também tenho que me preparar e colocar a música.

( coloco a musica) Concentrou? Então concentra um pouco mais, fique aí e imagine, só imagine, que a gente começa ali, bem no centro, você de um lado e eu do outro. Você me oferece a sua mão, e eu aceito. Você me conduz um pouquinho a sua frente e eu bem devagar vou levantando a minha perna, subindo, subindo, subindo. Você me solta e me abraça, eu respiro e você me suspende e gira comigo. Bem devagar eu coloco meu pé no chão e você em um impulso me leva até o canto do palco. Eu desço pelo seu corpo, paro na sua frente, você atrás de mim e eu me preparo. Eu giro levanto a minha perna, você me segura pela cintura, eu dobro o meu joelho, você escorrega sua mão pelas minhas costas, me levanta e me leva até o outro lado. Lá , voce me desce, me coloca no chão, me deixa sozinha e caminha até o centro . Aí você gira e salta, gira e salta, gira e salta e corre pelo palco, corre, corre , passa perto de mim, me pega pela mão a gente corre junto, você desce sua mão pelo meu braço, me dá um impulso e eu salto e você salta, você me dá

outro impulso e eu salto e você salta, você me dá o último impulso e eu salto e a gente termina bem na frente, e eu caminho para um lado, você para o outro até a gente se encontrar bem no centro. E aí você mais uma vez (gesto), e eu (gesto), você (gesto) e eu (gesto), você - movimentos e gestos sem palavras até - eu giro, levanto a minha perna, você me segura pela cintura, eu dobro meu joelho, você escorrega sua mão pelas minhas costas, me levanta, anda comigo pelo palco, pára, me olha e me leva embora.

Porque você dança? Qual é o conceito? O conteúdo, filosófico, político e social da sua dança?

Quando eu comecei a dançar achei que era mais fácil me relacionar. Casei com um bailarino que hoje é um grande coreógrafo de uma grande companhia de dança no Brasil. Quando eu tinha mais ou menos uns 18, 19 anos eu saí em uma turnê pela Argentina. Adoeci e tive que voltar para o Brasil. Meu marido ficou, se apaixonou por outra bailarina em Buenos Aires, eu conheci um músico, me apaixonei e o casamento acabou.

No começo eu era muito, muito, muito... dramática. Eu gostava do expressionismo, eu gostava da intensidade, eu descobri a dança moderna. E aprendi com os meus professores e coreógrafos que eu tinha que colocar emoção em cada passo, em cada gesto, em cada movimento. Eu tinha que sentir a dança. Eu tinha que colocar na minha dança todos os sentimentos.

Eu quero aproveitar este momento para criar um espaço novo. Para fazer deste lugar um outro lugar. Vamos imaginar que este teto é muito mais alto, que a profundidade deste espaço é infinita, que tudo é maior, mais amplo e que lá do alto desce uma luz azul bem suave que vai banhando todo o chão e do outro lado uma luz branca que bem devagar vai revelando o meu corpo... Eu vou mudar esta luz, fazer alguma coisa mais simples. Vamos imaginar que o palco está todo escuro e só uma luz, um foco branco aqui no centro, e entre a gente uma cortina grande vermelha de veludo, fechada e eu atrás da cortina venho correndo e me coloco debaixo da luz. E fico ali parada, me preparando para começar, esperando a cortina abrir.

Eu danço porque não sei cantar, porque não sei pintar, porque não sou poeta. Eu danço porque se coloco um pouco de sentido no mundo dançando, não consigo enxergar sentido nenhum não dançando.

Nos meados dos anos 80 eu conheci e passei a admirar os coreógrafos contemporâneos. Eles eram muito inteligentes. Falavam de coisas que eu não entendia. Eu me sentia burra perto deles. Eles eram a vanguarda. Me ensinaram por exemplo que o bailarino não fica assim, sentindo. O bailarino pensa. Me senti então dividida entre a emoção e a razão. Eu penso ou eu sinto, eu penso ou sinto, eu penso, penso, não sinto. Aprendi com eles além de um jeito diferente de me movimentar, aprendi a pensar na minha dança. A pensar em cada passo, cada gesto, cada movimento, com algumas palavras, um vocabulário para mim na época, totalmente novos.

" do nível alto eu entro em uma espiral e desço para o plano baixo, sigo o fluxo, trabalho os meus pontos de apoio e entro no plano médio. Escavo. Levanto os meus calcanhares e direciono a minha tibia para o metatarso. Articulo a minha unidade superior para o alto e desço a minha extremidade em um movimento de resistência. Perfuro o espaço trabalhando linhas curvas e movimentos redondos até chegar em uma suspensão. Entro no plano sagital. Traço uma diagonal com movimentos retos e contínuos, retos e contínuos, lanço meu corpo contra a gravidade voltar a minha posição inicial. Solto o corpo, relaxo a minha musculatura, direciono os meus isquios e o perineo, libero o anus, solto o ar e comparo".

Eu adoro o teatro. Sempre que assisto uma peça, uma obra eu tenho a sensação que o ator é uma entidade e depois de tantos anos dançando eu decidi estudar teatro. Lendo Stanislavski e Grotowski eu percebi que o ator não precisa ficar pensando nem sentindo, ele usa a imaginação, ele usa a memória. E foi aí que eu descobri que a minha memória é a memória dos outros.

" Maria Maria é um dom, é um...

perna braço, braço, costas desce o braço, mão no ombro pega e faz...  
todo o dia a mesma coisa, todo dia a mesma coisa, ave Maria, cheia de graça,  
senhor é convosco...

Ponta de areia,

Não é monstruoso que este ator consiga...

Aiê a, aiê a...

one, two, tree contract five, one, two, tree release five...

A alma insuflada...

Adeus sala, adeus cadeira, adeus piano de tocar, adeus tinta de escrever,  
adeus papel de assentar ( bis)"

Queridos Yan Ritzema, Thomas Lemen e Helena Katz, quando penso que um dia não vou mais dançar me doi muito, mesmo que seja esta dança pequena que as vezes vem como uma onda de amor e outras como uma dor insuportável Esta solidão publica, cheia de memórias e imaginação. Sonho um dia em dançar algo que me faça merecedora da vida e do mundo. Queria dançar alguma coisa importante, protestar contra a violência, algum pensamento político ou filosófico, falar da miséria humana. Mas só consigo expor a minha fragilidade. Queria dançar para salvar os outros, mas eu danço caros amigos, é para me salvar.

Eu acho que consegui. consegui me aproximar, me relacionar ficar mais perto. Mas se estiver incomodo eu posso me afastar, ficar a direita ou a esquerda... vou fazer o seguinte, eu te dou esta carta e em troca voce me diz onde me coloco neste espaço, agora. Ali? Então eu me coloco ali. Me coloco ali porque eu sempre obedeço. Pensando bem, do início até aqui eu não disse não. A sensação que eu tenho é que fui me afastando, fui me acomodando, me dá vontade de gritar, mas eu..., eu nunca grito.

Obrigada, obrigada, obrigada...

Então se me coloco ali, tenho que dar toda a volta e terminar aqui no centro, bem aqui. O centro é a única certeza que eu tenho. Não é ?  
Eu quero dançar para vocês agora. Vou pedir para vocês terem um pouco de paciência, esperar só um pouquinho enquanto eu me preparo.

E eu começo aqui, bem no centro. E eu penso e sinto cada gesto, cada passo, cada movimento e imagino que meus braços são muito maiores, minhas pernas mais fortes, mais potentes. Que meu corpo é outro, que meu rosto é outro. Que eu sou ali, agora a imagem que queria ter sido, que eu sou ali agora o que eu imaginei que vocês queriam que eu fosse.

Fecha os olhos, fecha os olhos, fecha... Enxerga?